
Pesquisas e processos criativos - entrevista com a escritora portuguesa contemporânea Teolinda Gersão

Marcio Jean Fialho de Sousa

Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2024.n51a845>

A escritora Teolinda Gersão, importante nome da Literatura Portuguesa Contemporânea, autora de diversos livros, contando com mais de 40 anos de vida literária, concedeu-me esta entrevista em uma manhã de terça-feira, durante o café da manhã, no Hotel Glória, no Rio de Janeiro, em junho de 2022.

Na ocasião, falamos sobre seus processos criativos, sobre aspectos temáticos presentes em suas obras, assim como sobre inquietações pessoais frente à literatura e sobre as perspectivas dela acerca do futuro da literatura em um mundo cada vez mais conectado e avesso ao silêncio, ponto importante a ser observado pela maioria dos leitores de obras literárias.

Marcio Jean Fialho de Sousa (MJFS): Seus primeiros livros apresentam muitas imagens metafóricas que remetem o leitor a um mundo, muitas vezes, onírico ou, talvez, fantástico, como, por exemplo, em *O cavalo de sol*, de 1989, e em *A casa da cabeça de cavalo*, de 1995. Nos livros recentes, essa recorrência parece ter sido suavizada ou deixada de lado, como se nota no último lançamento *O regresso de Julia Mann a Paraty*, de 2021. Poderíamos dizer que a Teolinda Gersão está numa nova fase de escrita?

Teolinda Gersão (TG): Há uma evolução, sem dúvida. Eu senti muito prazer em escrever *O regresso de Júlia Mann*, porque esse livro é baseado em figuras reais, históricas, que eu não queria trair, embora eu não goste do romance histórico, porque mistura a fantasia do escritor com o mundo real, de modo que o leitor não sabe onde acaba a imaginação e onde começa a história real. Eu não me sinto no direito de trair as personagens na sua identidade, procuro sempre respeitá-las. No caso específico de Sigmund Freud e Thomas Mann, que aparecem nesse romance, tive como base as cartas que escreveram um ao outro, as quais mostram que eles se admiravam fisicamente e invejavam-se. Tem toda uma direção não muito específica e, de certo modo, muito próxima, porque eles tinham muitas coisas em comum. Tinham muitas afinidades, eram personalidades semelhantes. Agora, eu acho que o lado fantástico, propriamente, penso não estar lá, porque o fantástico deixa pontas soltas, não explica as coisas. E eu também não gosto do gênero fantástico. Eu gosto mais do simbólico, do onírico, onde o leitor vai percebendo onde termina a realidade e onde começa o plano onírico. Quando nós temos que pensar, pensamos facilmente, imaginamos qualquer coisa. Agora, os meus livros, eu acho que não deixam pontas soltas.

Percebe-se, por exemplo, que, em *A casa da cabeça de cavalo*, muitos críticos acham se tratar do gênero fantástico, e isso não se ex-

plica. A confusão ocorre porque eu falo sobre o tempo que acaba na morte, mas as personagens já estão mortas, mas, ainda assim, é possível imaginar que os espíritos continuam vivos e dentro da casa que era dos seus antepassados, assim vão contando histórias para não perder a memória que os mantêm vivos. No fim, eles começam a perder a memória e caminham no escuro, sem saber onde estão, é nesse ponto que eles morrem realmente. A morte, talvez, seja o nada. O escuro caminhar na escuridão.

O cavalo é fantástico. O cavalo é o símbolo da passagem do tempo, que é o fim de todos nós. O tempo é um tema dos meus livros. No fundo, o livro *O regresso de Julia Mann Paraty* é sobre o tempo. O momento termina no instante em que as coisas se desenrolam, entrelaçam-se e terminam rapidamente. No romance, há uma passagem pontual em que há um recorte do tempo, em que as personagens passam por experiências, transformam-se, muita coisa muda, muita coisa acontece. Acho que há sempre um lado racional ao lado do imaginário.

No conto “Alice in thunderland”¹, inspirado no romance de Lewis Carroll, *Alice no país das maravilhas*,² escrevi por ter me sentido enganada por Carroll. Isso porque, quando li o livro pela primeira vez, fiquei intrigada pelo fato de Alice crescer, diminuir, cair num poço que parece não ter fim, e depois acontecem coisas absurdas com ela neste mundo fantástico, tudo sem explicação alguma e, por fim, todos os eventos não passaram de um sonho. Claro que o autor não é obrigado a explicar coisa alguma, a fazer nada, a se encaixar em

¹ Publicado na obra *Prantos, Amores e outros desvarios*, em 2016, em Portugal, e na coletânea *Alice e outras mulheres*, em 2020, no Brasil.

² Título original *Alice's Adventures in Wonderland*. Obra publicada por Lewis Carroll, pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson, em 4 de julho de 1865.

nada, mas não vi sentido naquela história, pois não era uma aventura maravilhosa, não era a terra das maravilhas. Esse livro do Carroll irritou-me profundamente.

Quando eu estive em Berkley – EUA –, como escritora residente (lá há quarenta bibliotecas, nelas há de tudo), eu tive a curiosidade em ver as fotografias que Lewis Carroll fez³, e, realmente, são de crianças nuas ou quase; e sempre com o olhar vago como se estivessem drogadas. Vale lembrar que ele fumava haxixe, para aliviar as dores de cabeça de que sofria, e, provavelmente, oferecia à Alice e a outras crianças que conviviam com ele; desse modo, nas fotos ela, possivelmente, estaria meio drogada. Isso nos leva a pensar sobre a cena em que ela afirma que começa a ver tudo fosco e com a sensação de cair em um poço sem saber bem o que é que lhe está a acontecer, como apresentado no romance.

Talvez ela fosse, também, vítima de pedofilia. Inclusive, sobre essa teoria, eu li também lá nos Estados Unidos. Há muitas provas. Há, por exemplo, páginas do diário da Alice onde se lê que a família a proibiu de falar sobre o assunto. Nesse sentido, ela acaba ficando sozinha, proibida de falar de uma coisa que ela nem mesmo entendia bem, mas que vagamente tinha a sensação de que, se falasse, ninguém mais ia gostar dela. Além de escritor, Lewis Carroll tinha muitas outras habilidades e funções, foi fotógrafo, desenhista, matemático e pastor religioso, era muito respeitado na sociedade. Ele era um homem da igreja. E tudo isso quer dizer que todo o ocorrido foi uma coisa ainda mais terrível. Diante de qualquer denúncia que pudesse haver na época, seria toda uma sociedade contra uma criança, que nem credibilidade teria.

³ Lewis Carroll teve muitas habilidades. Além de escritor, foi fotógrafo, desenhista e matemático.

MJFS: Podemos dizer que ficariam também contra aquela família. De modo que os pais acabaram se tornando vítimas diante da situação e, depois, endossando essa narrativa.

TG: Sim, inclusive a mãe chegou a ficar doente. Havia os que afirmavam que Carroll havia se apaixonado por Alice. De qualquer maneira, ser vítima de pedofilia é um processo sempre traumático e, portanto, ela teve um enorme trauma que aguentou sozinha, em silêncio. Ela deve ter sofrido muitíssimo. A partir de documentos, podemos dizer que, no fim da vida, ela era uma pessoa amarga, que tratava mal as empregadas e que não era, assim, a pessoa doce que nós imaginamos. Por tudo isso, eu tive vontade de escrever o conto a partir da perspectiva da Alice, para dar, talvez, voz àquilo que eu imaginei que ela poderia dizer, e ver as coisas de uma perspectiva dela. Portanto, também nessa narrativa, nada é fantástico, é sempre o onírico e uma tentativa também de integrar o onírico numa situação real.

MJFS: E também nisso há uma atualidade muito grande: quantas crianças ainda passam por essa situação junto aos líderes religiosos, não é?

TG: Todos os dias aparecem na televisão esses casos. Às vezes, até com um familiar; às vezes, até com o pai. Uma coisa horrorosa. Até pouco tempo, as pessoas não acreditavam nas crianças, hoje a lei começou a investigar e a justiça começou a ser feita em alguns casos. Mesmo assim, há casos, por exemplo, em que professores, que cometeram atos comprovados de pedofilia, continuam a ministrar aulas aos mesmos alunos e não são postos fora do colégio. O mesmo acontece na Igreja Católica. Também agora estou a fazer uma gran-

de investigação e vejo que muitos padres continuam em serviço. Há bispos que sabem de casos e nada fazem, tudo continua como se nada tivesse ocorrido.

MJFS: Falando um pouco mais sobre *O regresso de Júlia Mann a Paraty*, algo que me chamou muito a atenção foi a forma como a mente de dois grandes pensadores, Sigmund Freud e Thomas Mann, foi representada nos dois primeiros capítulos. Parece até que foram eles mesmos que escreveram.

TG: Sim, mas tudo o que eu cito está documentado. Nada foi inventado por mim. Eu já conhecia bem a obra de Freud e de Mann. Este meu livro esteve quase toda a vida em preparação, mas eu nem sabia que algum dia iria escrever. Thomas Mann eu já conhecia muito bem, mas, quando fui ler mais a respeito dele, fiquei pensando em quem seria aquela mulher que, de uma forma ou outra, sempre aparecia em seus escritos, então pensei: mas e aquela mulher, quem era? A mãe dele? Depois percebi que havia uma mãe estrangeira que nunca se encaixava perfeitamente na sociedade alemã e que quem a via se envergonhava. E não era uma mãe igual às outras, ela ficava escondida. Também sua origem ficava em suspenso. Se ela fosse portuguesa ou filha de portugueses, já soaria mal, dado o fato de Portugal ser uma espécie de periferia da Europa. Por outro lado, parecia que ela já tinha estado na Itália, ou seja, de todo modo, parecia que ela tinha vindo de uma zona considerada inferior na cultura, nos costumes, em tudo, e aqueles que conheciam sua história real não queriam contar. Portanto, isso já era mau.

De fato, a mãe, Júlia Mann, era brasileira, casou-se aos dezessete anos, mas mudara em 1924 para a Alemanha. Portanto, ainda viveu a Primeira Guerra Mundial, mas não a Segunda. As coisas para ela só

se agravam por conta da segregação evidente da Alemanha, é esse o estigma sofrido por ela. Está nela. Ela sempre desprezou a sociedade muito burguesa, puritana, convencional, falsa, utópica, mas acabou sendo obrigada a esquecer de sua vida no Brasil. Por isso, na narrativa, mostro que ela vai se perdendo pelo caminho, até que os anos todos passam a não interessar mais. Ela teve uma vida de muitos sofrimentos. Teve uma família imensamente infeliz e, emocionalmente, muito instável e muito em desequilíbrio. Ela fez um grande esforço para unir a família, para que os filhos fossem conciliados, mas não conseguiu.

Já no fim da vida, muito debilitada, enquanto os filhos ainda estavam no quarto, Júlia falou-lhes em alemão, mas com uma pronúncia péssima, como se não soubesse a língua, como se estivesse a aprender a língua que não era a dela. E isso soou muito estranho aos seus familiares. Depois, a enfermeira que cuidou dela nos últimos dias antes de morrer disse que as últimas palavras dela foram numa língua incompreensível, então, podemos imaginar que tenha sido em português. Portanto, talvez, ela estivesse pensando no único lugar onde tinha sido feliz, sua terra natal, o Brasil, porque era uma língua inadmissível. Ela havia sido obrigada a esquecer de sua própria língua e de suas origens.

MJFS: Certa vez li que o autor não pode frustrar seu leitor. Você concorda com essa assertiva?

TG: Poder, pode. O leitor pode não gostar do livro. O autor é que não pode enganar seu público. Quer dizer, isso é o que eu penso. Afinal, nós não temos nenhum controle sobre o gosto do leitor. Quando o leitor não quer, ele fecha o livro e não lê mais, mas acho que temos que ser honestos. Acho que é importante fazermos o melhor que sabemos e po-

demos; depois, o leitor julgará. Se ele não gostar, não é problema nosso. Quando achamos que o livro está pronto e pensamos “isto é o máximo que eu consigo fazer”, então, o livro pode seguir o seu caminho. O livro publica-se e, depois, os leitores decidem o que quiserem com ele.

MJFS: Seria a literatura uma luz para o nosso mundo que parece estar mergulhado em uma grande confusão ideológica e política?

TG: Eu acho que a literatura pode iluminar sim, pode nos fazer olhar para a realidade que nós não gostamos de ver. A literatura pode chamar a atenção sobre determinadas coisas que não nos são conscientes ou não nos são, suficientemente, inconscientes. Nesse aspecto, pode mudar um pouco. Quanto à mentalidade do escritor, essa muda certamente. Isso, porque o escritor passa sempre por um processo de conhecimento do mundo, porque ele presta muita atenção, vê as coisas de vários lados e anda ocupado com elas durante muito tempo na cabeça. O escritor é modificado pelos seus livros, sem dúvida, e no sentido positivo, passa a ser uma pessoa mais aberta, mais tolerante, mais inteligente, mais sensível e mais capaz de se pôr no lugar dos outros. O leitor, por sua vez, de algum modo, refaz o caminho do escritor. Idealmente, pelo menos, o leitor passa por uma experiência parecida. Eu acho que a leitura é uma espécie de escrita, ou seja, o livro acaba na cabeça do leitor que escreve, posteriormente, o livro na sua cabeça e o organiza como entende.

MJFS: E de que modo a escritora Teolinda se vê na voz dos narradores de sua obra?

TG: É como um ator. Eu acho que o escritor tem muito de ator. Talvez, por isso, muitos dos meus textos tenham sido adaptados

ao teatro e ao cinema também. Porque um ator pode interpretar qualquer papel. Pode ser um papel de homem ou de mulher ou de criança ou de animal ou do que for. Pode-se pôr no trapézio e olhar a partir dessa perspectiva. O escritor também.

MJFS: E a Teolinda leitora lê a Teolinda escritora?

TG: Não. Só quando sou obrigada. Por exemplo, *O cavalo de sol*, como há muitos anos que já tinha sido publicado, tive que reler as provas. Mas, para mim, uma vez o livro publicado, nunca mais leio e nunca mudo nada de edição para edição, pois, para mim, o livro corresponde a um momento. Eça de Queirós, por exemplo, a cada edição mudava tudo, sofria muito com a própria escrita, nunca achava que estava suficiente. Eu não sou meticulosa a esse ponto.

MJFS: Como que a senhora lida com a crítica especializada e com a crítica midiática?

TG: Eu acho que lido bem. Uma crítica bem-feita e atenta, muitas vezes, até me apresenta coisas que estão lá e que eu não havia me dado conta. Por exemplo, a Ângela Faria⁴, acerca do romance sobre Júlia Mann, deu conta de que aquele livro de fontes atrás da porta vai mostrar coisas que não são visíveis na realidade cotidiana. Coisas que não sabemos ou que não queremos saber, e que, de repente, a porta abre-se ou entreabre-se e olhamos para o outro lado. E reparou, também, que, no fim de dois capítulos, dá-se de frente para uma porta. Eu não tinha me dado conta de que aconteciam em ambos. Esses capítulos termi-

⁴ Ângela Beatriz de Carvalho Faria, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

nam com uma porta ou uma janela. No capítulo em que o Freud está no seu jardim interno, e fica lá a ver a chuva, também há uma porta.

Acho que só me aconteceu uma vez de não gostar de uma crítica. Foi sobre *O cavalo de sol*, em que o crítico não entendeu absolutamente nada do livro. Nem sequer percebeu que não eram só as histórias contadas que interessavam, eram também as personagens que as contavam e que faziam parte do contexto e estavam dentro do mesmo jogo, mas isso pode acontecer, com certeza, na vida de todos os escritores. Houve esse caso, mas não me perturbei. Continuo sempre a fazer como eu acho que é o meu caminho e não me influencio.

Agora, tenho trabalhado com personagens históricos, mas também com uma grande investigação por detrás, e com uma grande ficcionalidade. Talvez fosse esse lado de investigação que me estava a fazer falta, porque tenho muito prazer em investigar. Nesse caso, eu mesma posso discutir coisas que ainda não sei e está a me apetecer, portanto, também faço o que me apetece. É muito bom ter a liberdade do escritor, algo que eu conquistei, porque não vivo da escrita. Ou seja, sou livre e não tenho obrigação de entregar um livro por ano ou dois, seja lá o que for, nem tenho obrigação de ter um grande sucesso comercial, não tenho obrigação de nada. Graças a Deus! Não me sinto pressionada, eu sei o que eu quero, entrego-me de coração e as coisas passam-se assim com suavidade.

MJFS: Por fim, neste mundo acadêmico, já vimos, algumas vezes, o anúncio sobre a morte da literatura, principalmente, nessas últimas décadas com o ápice da internet. Estaria a literatura fadada ao seu próprio fim?

TG: Eu devo dizer que, infelizmente, estou de acordo com o que diz o Milton Hatoum: que a literatura vai caminhando para o seu

fracasso, a literatura uma forma de arte. Infelizmente, acredito que sim. Primeiro, o mundo mudou de uma maneira incrível, e as pessoas não conseguem prestar atenção no tempo. Uma coisa que me chocou aqui no Brasil, por exemplo, foram as notícias sendo noticiadas pela televisão, percebi que são poucas e muito rápidas, apresenta-se uma, depois vêm logo os comerciais. Em Portugal, temos, por exemplo, horas de notícias sobre a guerra, além de comentários sobre o assunto. Quer dizer, nós conseguimos dar muito tempo para prestar atenção na mesma coisa, seja na televisão, seja a ler um livro. O nosso ritmo na Europa é muito mais lento. Não temos esta pressão das grandes cidades onde tudo é longíssimo, onde se tem que aproveitar cada minuto. Lisboa é uma cidade ainda, relativamente, e espero que isso continue, pequena. Conseguimos concentrar-nos, mas isso está a desaparecer. Por enquanto, há ainda os que prestam atenção e são capazes de estar ali uma hora sentados a ouvir do professor. Mas ainda percebemos que, nas escolas, o professor tem que inventar maneiras de cativar os estudantes. O que é horrível, quer dizer, a escola poderia ser um lugar onde os alunos também estivessem confortáveis e eu penso que tendem a estar cada vez menos, além disso, há muitos profissionais formados em cursos de Letras, por exemplo, mas que nem mesmo gostam de ler.

RECEBIDO: 07/06/2023 APROVADO: 02/08/2023

REFERÊNCIAS

CARROLL, Lewis. *Alice's Adventures Wonderland*. Trad. Célia Regina Ramos. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2002.

GERSÃO, Teolinda. *A casa da cabeça de cavalo*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

GERSÃO, Teolinda. *O regresso de Júlia Mann a Paraty*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

GERSÃO, Teolinda. “Alice in Thunderland”. In: *Prantos, amores e outros desvários*. Porto: Porto Editora, 2016.

GERSÃO, Teolinda. *O cavalo de sol*. Porto: Porto Editora, 1995.

MINICURRÍCULO

Marcio Jean Fialho de Sousa é Professor da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, MG - Brasil. Membro do corpo permanente de docentes do Programa de Pós-graduação em Letras - PPGL-EL - UNIMONTES, e coordenador do Grupo de Pesquisa Teolinda Gersão.